

A DEMOCRATA

ENTREVISTA

FRANCISCO GUIMARÃES

"É URGENTE A CRIAÇÃO DE ESCOLAS QUE PROMOVAM ESSE TIPO DE PENSAMENTO, O ÚNICO EM QUE ACREDITO E O ÚNICO QUE É BENÉFICO PARA A SOCIEDADE, QUE É O PENSAMENTO LIVRE."

Pág. 12

CÂMARA ALTA

"Uma alternativa a sério a um governo a brincar"

por Hugo Soares

Pág. 6

ENSAIAR O FUTURO

"Olhar para a frente, para não ficar para trás"

por Alexandre Homem Cristo

Pág. 24

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história icónica do PPD/PSD.
Este mês: "No Pontal a palavra vale."

por Cristóvão Norte

Pág. 18



EDITORIAL

É a Mobilidade! Oh Estúpido...

O nosso país tem diversas insuficiências que constroem a vida de todos os que nele habitam. No entanto, e tendo em conta a nossa dimensão territorial e geográfica, há uma insuficiência muito grave e que merece rápida intervenção: A Mobilidade!

Do Algarve ao Norte, temos 561 km de comprimento em linha reta. Ora, é incompreensível que se demore tanto tempo a percorrer todo o nosso território. A reforma e aposta na eficiência da ferrovia devia ser um desígnio nacional, para que se aproximassem cidades, pessoas e realidades!

Reparem: demoramos hoje, de comboio, 6 horas a percorrer os 500 quilómetros de ferrovia entre Faro e o Porto. Por outro lado, entre duas capitais europeias, como Amesterdão e Paris, percorre-se a mesma quantidade de quilómetros em metade desse tempo.

Um país mais interconectado através do comboio é um país mais amigo do ambiente, com menos emissões de carbono, é um país mais unido, mais coeso e menos desequilibrado, é um país que permite que as pessoas vivam num sítio e trabalhem noutra. É um país que pode, em larga medida, resolver os nossos problemas de habitação. Tudo isto num ambiente onde se podem organizar melhor as nossas cidades e criar mais riqueza local e regional.

Querem um Portugal mais justo? A aposta é simples e traz consigo um soundbite bem conhecido: É a mobilidade, Oh estúpido!...

LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012
Registo na ERC: n.º127932
Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012 -
Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa - jsd@jsd.pt - www.jsd.pt
Director: Luís Nunes dos Santos
Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa
Concepção Gráfica: Gomes de Almeida & Associados
Impressão: GRAFISOL - Artes Gráficas - Rua das Maçarocas
Abrunheira Business Center n.º03 - Abrunheira - 2710-056 Sintra
Periodicidade: Mensal
Tiragem: 100

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

A DEMOCRATA

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO
Pág. 24

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM
Pág. 28

FAZER A DIFERENÇA
Pág. 29

LOJA JOTA
Pág. 30

SOBE E DESCE



JOE BIDEN

HAMAS

FICOU PARA A HISTÓRIA

**"Podemos perdoar os árabes por matarem os nossos filhos.
Mas nunca os podemos perdoar por nos forçar a matar os deles.
Só teremos paz com os árabes quando eles amarem mais os seus filhos
do que nos odeiam"**

Golda Meir
Antiga Primeira Ministra Israelita (1969 - 1974)



ALEXANDRE POÇO
Presidente da JSD

O Pogrom de 7 de outubro de 2023

No dia 7 de outubro, o terrorismo do Hamas abriu uma tragédia para Israel, para o povo judeu, e também para todos nós. As imagens que vimos representam um massacre indiscriminado de civis inocentes apenas por serem israelitas ou judeus, ou seja, um Pogrom como o da Noite dos Cristais em 1938, naquele que foi o dia mais mortal contra judeus desde o Holocausto.

E como devemos nós - democratas, defensores do Estado de Direito e dos valores do mundo ocidental, civilizado e decente - reagir à barbárie?

Condenar de forma inequívoca os atos terroristas, expressar a nossa solidariedade com o povo israelita, reafirmar o direito de Israel se defender contra atos de terrorismo no quadro do Direito Internacional, fazer votos para a libertação de todos os reféns e para o fim das hostilidades, assim como, apelar a que sejam protegidos todos os civis inocentes através dos meios humanitários necessários. Naquilo que dia 7 despoletou, esta é a postura humanista, solidária e empática. O terror do Hamas em nada contribui para as legítimas aspirações do povo palestino, antes usa-o como escudo humano.

Sei que é difícil desassociar estes últimos acontecimentos do prolongado conflito israelo-palestino que há décadas decorre na região, mas o que vimos do horror no ataque do Hamas, se há coisa que não pode admitir é um "mas" na sua condenação.



MOULES AVEC FRITES

Maria da Graça Carvalho



OS JOVENS SÃO O PRINCIPAL “RECURSO” DA UE. NÃO O DESPERDICEMOS

A ausência de verdadeiras políticas para a juventude, por parte do governo português é um exemplo flagrante do distanciamento do nosso país face àquelas que são as prioridades da União Europeia.

A nível europeu, existe atualmente um enorme foco na criação de condições para manter e potenciar o talento das novas gerações, proporcionando-lhes melhores condições de estudo e mais oportunidades de valorização profissional, eliminando barreiras burocráticas e reforçando o financiamento.

Eu própria, nos diferentes relatórios em que tenho estado envolvida, no Parlamento Europeu, tenho procurado introduzir temas como a forte aposta na qualificação, com ênfase nas competências digitais, e especial atenção às áreas nas quais ainda subsistem consideráveis fossos de género. Outra prioridade tem sido o combate às assimetrias regionais entre Estados-membros, valorizando as regiões do Interior, através de incentivos específicos nos programas comunitários, de forma a criar condições para melhor se aproveitar o talento dos nossos jovens, estejam estes onde estiverem.

Exemplos de relatórios onde fiz este trabalho incluem a agenda estratégica do Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia, cujas atividades abrangem os três vértices do triângulo do conhecimento – Educação, Investigação Científica e Inovação – e a nova geração de parcerias europeias, uma das quais responsável pelo financiamento do supercomputador Deucalion, instalado na Universidade do Minho.

Ao nível das carreiras científicas e do empreendedorismo, o programa-quadro Horizonte Europa introduziu, pela primeira vez, a possibilidade de o European Innovation Council (EIC) financiar start-ups, com ideias disruptivas, para inovar. Foram ainda reforçadas as bolsas Marie Curie, de grande relevância para os jovens investigadores.

Têm sido tomadas inúmeras outras iniciativas para valorizar o trabalho dos nossos jovens investigadores, incluindo,

Têm sido tomadas inúmeras outras iniciativas para valorizar o trabalho dos nossos jovens investigadores, incluindo uma carta aberta dirigida à Comissão Europeia, da qual tive o orgulho de ser subscriitora, alertando para a precariedade das carreiras de parte dos investigadores europeus.

Mas a ação da União Europeia, por mais importante que seja, não garante resultados. É preciso criar, ao nível dos Estados-membros, um ecossistema favorável à inovação, com menos burocracia, menor carga fiscal, melhor funcionamento da justiça e dos diferentes serviços públicos, para que este talento seja absorvido e aproveitado pelas empresas e pela economia. E é aqui que Portugal continua a falhar aos seus jovens – e a si próprio –, desperdiçando aquela que é reconhecida como a geração mais qualificada de sempre.

Uma sondagem realizada em junho deste ano a jovens entre os 18 e os 34 anos, residentes em Portugal, revelou que 54% admitiam emigrar.

Estes não são problemas que se resolvam com medidas pontuais. Para reter e valorizar os seus jovens, Portugal precisa de se reinventar, de se tornar mais atrativo para quem cá está e para quem aqui pode investir ou construir o seu futuro.

A Europa está a indicar o rumo certo. Cabe aos Estados-Membros fazerem o seu próprio trabalho. O nosso país, neste ciclo de governação socialista, não o tem feito.

BIFES À SÃO BENTO

Mónica Quintela



METADADOS: UM PROCESSO LEGISLATIVO COMPLEXO

O Acórdão 268/22 do Tribunal Constitucional (TC) declarou a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, dos art.ºs 4.º, 6.º e 9.º da Lei 32/2008, de 17/07, que transpôs a Diretiva N.º 2006/24/CE, relativa à conservação de dados gerados ou tratados por empresas de telecomunicações e comunicações eletrónicas.

Decidiu pela inconstitucionalidade das normas que 1) admitem o armazenamento dos dados fora da UE por “o consumidor não ter a efetividade da garantia constitucional da fiscalização por uma autoridade administrativa independente”; 2) que conservam as informações de tráfego e de localização de todas as pessoas, de forma generalizada e 3) que não prevêm a notificação ao visado de que os seus dados foram acedidos pela investigação criminal.

Entendeu o TC que as aludidas normas violam o princípio da proporcionalidade na restrição dos direitos à reserva da intimidade da vida privada e familiar, ao sigilo das comunicações e a uma tutela jurisdicional efetiva, previstas, respetivamente, nos art.ºs 26.º n.º 1, 34.º n.º 1 e 20.º n.º 1 da CRP.

Este aresto do TC era mais que previsível e vem na esteira da restritiva jurisprudência do Tribunal de Justiça da EU (TJUE) que declarou a invalidade da Diretiva 2006 por violação dos princípios e dos direitos consagrados nos art.ºs 7.º e 8.º da Carta dos Direitos Fundamentais da EU.

Enquadrando a problemática, afigura-se certo que o Estado de Direito não pode prescindir de autoridades e meios de investigação criminal eficientes, que elas não podem fazer tudo o que querem, que o problema é transnacional e importa uma solução conjunta em conjugação de esforços com o ordenamento jurídico europeu.

Resulta também claro que a solução para o acesso aos metadados pela investigação criminal não passa por qualquer alteração à Constituição, que já o permite, mas que terá que ser resolvida ao nível do direito da união.

A globalização da internet e das comunicações mudou muito o cenário dos crimes e o acesso aos metadados é fulcral para a investigação criminal, note-se, até para que possa concluir pela inocência do suspeito.

Entretanto e perante o atual quadro legislativo europeu, o grande desafio que se coloca aos Estados-membros é conformar o direito nacional com o direito da união.

Há que procurar o equilíbrio entre o direito à segurança e o direito à liberdade, há que dotar a investigação criminal de meios de obtenção de prova robustos mas que não contendam com os Direitos, Liberdades e Garantias, tudo a caber na apertadíssima malha das Decisões do TJUE.

É tarefa legislativa muito complexa e que está também a ser debatida na UE, ainda sem solução à vista, tendo já o PR anunciado que iria requerer a fiscalização da constitucionalidade do diploma que vier a ser aprovado no Parlamento, o que, diga-se, é salutar para a certeza e segurança jurídicas necessárias à investigação criminal.

Foi o PSD que, 3 dias após ser conhecido o Acórdão do TC e bem ciente do impacto que iria ter na justiça, desencadeou o processo legislativo na AR apresentando um projeto lei para expurgar as inconstitucionalidades apontadas pelo TC.

Finalizados os trabalhos no Parlamento, é evidente que a solução que passar no crivo do TC, por referência à jurisprudência do TJUE, será sempre considerada insuficiente pela investigação criminal.



CÂMARA ALTA

UMA ALTERNATIVA A SÉRIO A UM GOVERNO A BRINCAR

Por Hugo Soares

O PSD foi o primeiro a apresentar um programa de emergência face à inflação

Para a generalidade dos cidadãos, é hoje tão claro que o Governo do Dr. António Costa se revela totalmente incapaz de dar uma resposta cabal aos inúmeros e graves problemas que afetam a sua vida como é certo que a única alternativa credível a este ciclo desastroso de governação socialista reside no Partido Social Democrata. Menos de um ano foi suficiente para este Governo desmerecer e desbaratar de forma irremediável a confiança que os portugueses lhe conferiram com uma maioria absoluta. O mesmo tempo que Luís Montenegro precisou para, de modo gradual mas consistente, afirmar o projeto político do PSD como a única via para trazer de novo a esperança e o crescimento que o País tanto necessita e anseia.

Um partido com a responsabilidade do PSD sabe que a única Oposição válida para os cidadãos não é a que se fica pelo protesto inconsequente e pela vozeria estéril – de que se alimentam os partidos populistas à esquerda e à direita – mas é, antes, aquela que propõe, no tempo e no modo certo, soluções para os problemas concretos das pessoas e do País. É isso o que distingue o PSD, um Partido que está, a todo o momento, preparado para ser chamado à responsabilidade da governação. Hoje, mais do que nunca, estamos preparados. Portugal é atualmente governado por um executivo que, tendo ao seu dispor todas as condições políticas e todos os instrumentos necessários para transformar estruturalmente o País, desde o início tem mostrado a sua impreparação e incompetência para cumprir tal desígnio. A esta incapacidade somam-se intoleráveis tiques de arrogância e de autoritarismo, que desgastam e desprestigiam a própria democracia e desviam o foco do que realmente importa às pessoas. Enquanto isso, o País espera e desespera por respostas que nunca chegam ou que chegam tarde e mal.

Em contraste com um Governo desprovido de estratégia, inoperante e sem poder de iniciativa, o PSD vem construindo e propondo aos portugueses um conjunto de medidas e de políticas setoriais que respondem às principais dificuldades das pessoas e aos bloqueios do desenvolvimento do País, seja numa perspetiva de curto, médio ou longo prazo.

Em contraste com um Governo desprovido de estratégia, inoperante e sem poder de iniciativa, o PSD vem construindo e propondo aos portugueses um conjunto de medidas e de políticas setoriais que respondem às principais dificuldades das pessoas e aos bloqueios do desenvolvimento do País, seja numa perspetiva de curto, médio ou longo prazo. Antecipando-se sempre ao Governo, e assim obrigando-o a tomar posição, a ir a jogo e a agir, o PSD foi o primeiro a apresentar um programa de emergência para fazer face à inflação. Defendeu a atualização das pensões quando o Governo se negou a fazê-lo e um plano de promoção de bem-estar da pessoa idosa.

Criou um plano verdadeiramente eficaz e abrangente para responder à crise da habitação e ao aumento dos juros. Defendeu um programa para o acolhimento e integração dos imigrantes.

Avançou com um conjunto essencial de mudanças constitucionais, como a inscrição do princípio da coesão territorial e intergeracional. Propôs uma Agenda Mobilizadora para a Saúde para duas décadas, de modo a assegurar a sustentabilidade do SNS e garantir cuidados de saúde de qualidade para todos. No âmbito de uma reforma fiscal, exigiu que se baixem os impostos já, incluindo uma redução imediata do IRS em 1.200 milhões de euros e um IRS jovem até 15%. E finalmente, na Educação, apresentou há poucos dias um pacote de medidas para um setor em crise, com o foco das opções políticas nos Alunos, o que também passa por valorizar e respeitar os Professores.

É disto que falamos quando falamos em sermos a Alternativa ao Governo do Dr. António Costa e ao Partido Socialista. Uma alternativa a sério a um Governo que anda a brincar com os portugueses.

SÃO CAETANO ÀS LAPAS CAMINHO DAS PEDRAS

Por Pedro Boucherie Mendes

No princípio de abril de 1989, Portugal andava cheio de energia. Sentia-se a mudança, não havia jovem que não quisesse tirar a carta, ir para a universidade e avançar pelo futuro adentro. A primeira maioria de Cavaco Silva tinha de se haver com “O Independente”, a completar um ano e a ganhar fôlego como figura de oposição ativa ao regime. Em breve a expressão “os escândalos” circulava pelos bem-pensantes, um prenúncio de um modo de fazer política que encontraria combustível eterno na internet e nas redes sociais. Fiz a Prova Geral de Acesso no seguinte a Miles Davis ter tocado no Coliseu. Nesse dia, nevou no Algarve. No verão soube que entrara para a universidade.

Uns dois anos depois, e com surpresa para muitos dos que seguiam “os escândalos”, Cavaco Silva renovou a maioria absoluta ainda com mais votos. Por esta altura, já eu andava

por umas antigas cavalariças na avenida de Berna, tentando não torcer o pé num empedrado cheio de automóveis. Num canto, havia uma reprografia com máquinas quase sempre avariadas. Ao lado, uma biblioteca em que todos os livros úteis ou estavam requisitados ou desaparecidos. A uns metros, um bar com empregados compreensivelmente tensos. Tínhamos aulas em salas provisórias, ao som do ruído das obras. Era tudo um pouco abandonado, os professores estranhos, as matérias obscuras e difíceis de escrutinar. Carregado como o ar numa sauna, circulava a arbitrariedade que tão bem nos caracteriza e achamos ser um dos nossos pontos fortes. Podia haver testes, podia haver trabalhos, podia haver exames, ou talvez orais, podia ser tudo adiado, os textos podiam ser em espanhol, italiano, alemão, francês, inglês, português do Brasil, era o que calhasse.

A política era-me familiar desde sempre. A morte de Sá Carneiro. Mário Tomé a tentar ser eleito. O PRD. O duelo Soares/Freitas, Cavaco a cair do céu (e na sopa) de todos. A adesão à CEE. E Reagan, Thatcher, Gorbachov, Khol, o Papa João Paulo II, Mitterrand, Carlos e Diana ainda juntos e Lech Walesa a transformar um país e uma região. Era destes que se falava todos os dias. Conhecia-os bem da RTP, tinham problemas e desafios, protagonizavam a História, mas estavam tão longe (de mim) que pressentia que nada do que faziam seria complicado de resolver. Afinal de contas, eles tinham o poder e os instrumentos, bastava crer e querer.

Eu era ingénuo e ignorante como um passarinho num desenho animado. Éramos livres e havia a convicção geral de que poderíamos fazer o que nos apetecesse, desde que respeitássemos os professores e os mais velhos, o relativismo ainda vinha longe. Em nosso redor, as coisas iam-se resolvendo, estradas, casas, hospitais eram prometidos e apareciam feitos. A inflação baixava, a economia crescia, viçosa. As bem-pensantes das avenidas novas e da Foz tiveram de começar a gramar com o facto de os filhos da empregada também estarem na universidade. Ainda hoje não lhes é fácil aceitar que as coisas mudam.

Na Faculdade, na Nova-da-avenida-de-Berna, a FCSH, sucessivas RGAs e assembleias decidiam boicotes, em nome da causa que estivessem mais à mão, talvez fossem as propinas, não me recordo, pelos direitos das reprografias não era com certeza. Consequência? Não havia aulas para ninguém, diziam eles aos berros, decidindo por mim e por todos que não teríamos direito de prosseguir com a nossa vida. Era o que faltava. Desde daí que lhes devo a consciência política e da política.

Fartinho da arbitrariedade e da balda que era aquilo tudo, atingi o meu limite e deixei de ser passarinho. Nada como ter sentido (tenuemente) na pele a possibilidade dos totalitários, para perceber que o que Reagan, Thatcher, Gorbachov, Kohl, o Papa João Paulo II, Mitterrand, Lech Walesa e até Carlos e Diana (instrumentos de diplomacia liberal, não duvidemos) andavam a fazer, também tinha a ver comigo.





Pedro Domingos

Professor de ciências da computação na Universidade de Washington e pesquisador em aprendizagem automática de máquinas, é conhecido pela rede lógica de Markov. Graduou-se no Instituto Superior Técnico, e mais tarde na Universidade da Califórnia em Irvine, onde fez um mestrado em ciência e um Ph.D. Juntou-se à Universidade de Washington em 1999. É autor ou co-autor de mais de 200 publicações técnico-científicas. Venceu o Prémio de Inovação SIGKDD, a maior honra na ciência de dados.

DO PONTAL ATÉ À LAPA

CRÍTICA CULTURAL

O livro que trago é o Algoritmo Mestre, uma obra fascinante que mergulha no mundo da inteligência artificial (“AI”), dos algoritmos e do seu impacto nas nossas vidas.

Pedro Domingos, como cientista, não oferece apenas um fio condutor, mas uma hipótese central que percorre toda a narrativa: “Todo o conhecimento – passado, presente e futuro – pode ser deduzido de dados por um único algoritmo de aprendizagem universal!”. Aos mais atentos, permitam-me a seguinte provocação: “No princípio era o Verbo...”, este é o eco que ressoa na leitura deste livro.

Ao mergulharmos neste livro percebemos que tudo pode culminar num único algoritmo, um desafio à compreensão convencional e é neste caminho que o/a quero levar comigo.

A obra começa com uma introdução ao universo dos algoritmos, revelando não só a sua importância, mas também como estes orquestram discretamente o nosso dia-a-dia. O Autor demonstra, habilmente, como os algoritmos moldam o nosso mundo: desde os motores de busca até às recomendações personalizadas.

Algoritmo Mestre

de Pedro Domingos, por Ricardo Mesquita



Este Algoritmo Mestre é, assim, o pináculo da inteligência computacional capaz de decifrar qualquer problema complexo. Ao longo do livro, o Autor aborda as características e desafios desse algoritmo, analisando o seu impacto na resolução de problemas complexos em diversas áreas, como Medicina, Finanças e AI.

De seguida, somos levados numa viagem às diversas escolas da AI, desvendando os seus modos de pensar, a sua organização e as suas diferenças. A questão central é como o Algoritmo Mestre irá agregar e sintetizar o conhecimento de todas estas escolas.

O Autor levanta questões éticas e sociais relacionadas com o acesso a dados e o que é possível fazer com os algoritmos, conduzindo a debates sobre privacidade, viés algorítmico e a responsabilidade inerente ao uso destas poderosas ferramentas.

Para ilustrar estas questões imaginemos o seguinte cenário: uma empresa lucra com cada clique num anúncio. Esta empresa tem informações sobre o/a leitor/a, desde a sua inclinação política, os seus interesses e até aquilo que mais detesta. Agora, a este cenário, acrescentamos a complexidade humana como, por exemplo, o facto de, tendencialmente, reagirmos ao que nos interessa ou a algo que discordamos totalmente. A moderação carece do magnetismo que inspira à ação. Estes traços (humanos) são alavancados pelo ciclo viciante destas plataformas que nos apresentam incessantemente informações que corroboram as nossas visões pré-existentes.

Consequentemente, perdemos o desafio intelectual de pensar diferente, de compreender outras perspetivas e de criar opiniões informadas. Estamos fechados em bolhas de opinião, onde a ilusão de que todos partilham a mesma perspetiva se perpetua.

A reflexão profunda a que somos convidados neste livro transcende a mera abstração teórica, é uma realidade vívida. O impacto destas tecnologias mostra-se nas nossas vidas: molda as nossas opiniões, influencia as nossas escolhas e, em último caso, deixa uma marca indelével na sociedade em que vivemos. E é nesta vertente, com implicações políticas, éticas e

sociais profundas que gostava de desafiar o/a leitor/a a pensar diferente.

Estas tecnologias estão a transformar o mundo a um ritmo vertiginoso e tomam decisões que influenciam indivíduos e grupos. Quem toma estas decisões? Com que intuito? Com que impacto na sociedade? Como podemos garantir que as decisões tomadas por estes algoritmos são justas e não discriminatórias? Tudo isto são questões que nos deparamos diariamente e para as quais, muitas vezes, a resposta é difusa ou inexistente.

Todos conhecemos casos como a Cambridge Analytica e, portanto, podemos afirmar, que existem empresas com tecnologia capaz de influenciar e prever comportamentos. Já pensou qual a percentagem das decisões que toma diariamente que é influenciada por estas tecnologias?

E nós, enquanto militantes do PSD, estamos a usar tecnologia para perceber como devemos comunicar? Dentro da nossa linha ideológica, estamos a explorar a AI para compreender que mensagens devemos transmitir à sociedade civil e em que momentos? Que dados concretos estamos a usar para tomar as nossas decisões? E se tentássemos usar AI para melhorar a nossa comunicação ou para compreender o que as pessoas precisam?

Existe, pois, uma necessidade urgente de regulamentação e políticas públicas adequadas a estas novas tecnologias. A regulamentação, a meu ver, não deve passar por proibir ou dificultar, mas sim por garantir que a inovação acontece e que, ao mesmo tempo, é garantida a segurança, a proteção e a privacidade das pessoas. É vital que enfrentemos este desafio em conjunto, de forma proativa e ponderada, para que se possa inovar com responsabilidade.

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA



“É URGENTE A CRIAÇÃO DE ESCOLAS QUE PROMOVAM ESSE TIPO DE PENSAMENTO, O ÚNICO EM QUE ACREDITO E O ÚNICO QUE É BENÉFICO PARA A SOCIEDADE, QUE É O PENSAMENTO LIVRE.”

ENTREVISTA

FRANCISCO GUIMARÃES

Treinador, comentador, orador, cronista, escritor, letrista, Global Shaper. Consideras-te um homem dos 7 ofícios?

Estou aqui a achar que ainda se vive no século XVI. Tive a sorte de me ser dada a possibilidade concreta de aproveitar profissionalmente o facto de gostar de muita coisa diferente ao mesmo tempo. Creio que será uma tendência maior da nossa geração - esta, a de estar em muitos lugares distintos - mesmo que ainda se veja muito o percurso tradicional. Reconheço esta minha sorte de gostar de fazer uma coisa, querer experimentar e, de repente, criar relações humanas que se transformam em parcerias profissionais. De tudo o que já fiz, ser treinador foi a única que planeei fazer. O resto foi acontecendo. É como a chuva inesperada num dia de sol e calor. E eu não abri o guarda-chuva. Molhar-me todo foi o meu único mérito.

Chegaste a ser o treinador de futebol mais novo do país, atividade que começaste aos 15 anos, e treinaste até um clube na Índia, o Delhi United. Como é que foi a experiência na Índia?

O Erasmus que nunca fiz. Sentia, em Portugal, um fechamento e um conforto que não me estava a fazer bem. Sair abriu os meus olhos e o meu coração. Escancarou-o, até, com dores que hoje guardo como essenciais para me ter feito mais homem. Sem a Índia não estaria a fazer o que faço hoje. Só pensava em ser treinador e não queria mais nada... E agora estou onde estou. Nessa altura dividia o meu tempo entre as aulas do secundário, os transportes públicos onde fazia os trabalhos de casa e preparava os treinos e os treinos com vários escalões. Era duro, abdiqueei de muita coisa em miúdo, apesar de me ter divertido muito também. Mas a certa altura estava a relaxar demasiado e precisava de uma mudança brusca - de sentir saudades, de viver sozinho, de ver coisas que nunca tinha visto. De repente, na Índia, a achar que ia ter uma vida só a viver do futebol, a aproveitar as maravilhas do estrangeiro, apercebi-me a realidade nos vai moldando e desvendando coisas em nós que desconhecíamos.

O que te fez querer fazer mais coisas além de ser treinador?

Olho para trás e lembro-me de uma casa cheia de livros, música e conversas na mesa dos mais velhos, coisa que adorava fazer. Ali a beber da sabedoria decana, caladinho no meu canto. Cresci numa escola que alargou o meu horizonte, porque não tínhamos a obrigatoriedade de escolher uma área específica. E, portanto, enquanto ia de comboio para dar um treino de futebol, estava a estudar história, ao mesmo tempo que me debruçava na diabólica matemática A e na filosofia. Foi muito enriquecedor. Além disso, quando meto uma coisa na cabeça, gosto de aprofundá-la o mais que puder e conhecer pessoas que me podem ajudar a saber mais. E vou à procura. Talvez por isso tenha transformado pequenos hobbies em formas de vida. Lembro-me de com 15 anos enviar um email a um professor reputado da Faculdade Motricidade Humana para ir falar com ele, ou de pouco tempo depois ter ido a Londres falar com o José Mourinho. Metia na cabeça e ia, seja em que área fosse. Se pensava que aquilo me podia ajudar, arriscava.

Sem desprimor, hoje preferes ser treinador de bancada?

Não se põe esse dilema. São coisas diferentes e compatíveis. Ser treinador é de uma riqueza inigualável, e quero voltar a sê-lo. Tenho saudades de trabalhar em equipa, com miúdos - aquelas folhas em branco com o cursor a piscar, sedentos de ver, aprender e olharem mais alto. Ser comentador tem-me ajudado a ver o fenómeno de fora, e essa mudança de perspectiva tem muita utilidade. Como dizia saramago, “é preciso sair da ilha para ver a ilha”. Faz falta a muitas pessoas do futebol, que tantas vezes se encontram fechados no seu covil e nunca emergem à superfície para ver como é o mundo real.

Hoje, após o livro Convocatória (2021), consideras que o teu contributo pode ser mais relevante enquanto teórico e analista fora das quatro linhas do que se vai passando dentro das quatro linhas?

O que teorizo tem efeitos práticos. Não penso sobre coisas abstratas e tenho muitas conversas com jogadores, treinadores, árbitros e dirigentes. Penso que seja muito enriquecedor para ambos os lados. Até porque gosto de trazer uma perspectiva que une áreas que, à partida, não estão muito ligadas ao futebol, e eu tenho um especial apreço por fazer pontes que que obriguem a olhar de maneira diferente. São pontes imprevistas e, muitas vezes provocadoras – como a poesia, a gestão, a música e o futebol. Sou um defensor, como aconteceu no curso de medicina do Porto, de uma cadeira de poesia na faculdade de desporto. Quem diz poesia, diz filosofia. O desporto é uma atividade profundamente humana, e só um homem multidisciplinar, que conhece o ser humano e tudo o que dele se diz, pode ter sucesso.

O futebol português está mais profissional, mais competitivo e mais internacional do que nunca, mas também existe a perceção e alguns dados assim o confirmam, de que está mais conflituoso e com maior violência em redor. Que leitura fazes desta situação? De quem é a responsabilidade?

Como dizia o meu querido mestre Professor Manuel Sérgio, o futebol replica as taras e manias da sociedade contemporânea, e hoje vivemos demasiado instigados pelo lucro, pelos resultados imediatos, por uma crença de que tudo é possível se acreditarmos em nós próprios – que conduz a um assustador individualismo –, sugados por impostos e por um discurso apocalíptico de alguns líderes e ativistas. Diante de tudo isto, o futebol não é exceção e é também um escape de uma sociedade desgastada e com pouca esperança, o que o torna numa espécie de saco de boxe. Além de que as reformas necessárias para combater a violência no desporto estão longe de estar no terreno, desde a formação ao futebol profissional. O governo vai inventando medidas supostamente preventivas que são apenas absurdas, como o cartão de adepto, em vez de optar por medidas necessárias mas impopulares em relação às claques, aos comportamentos dos adeptos e de alguns dirigentes desportivos.

No desporto, tal como na política, para alcançar o sucesso são precisos líderes. Estamos com falta de líderes no espaço político?

A sociedade civil está a fugir do espaço político. O meio está conspurcado, o jogo partidário está a ficar viciado e os ordenados são muito mais baixos do que o sector privado,

comparativamente a cargos da mesma relevância hierárquica. Por isso, é normal que as pessoas se afastem. Mas é preciso que haja corajosos que, mesmo assim, vão avante e, acima de tudo, façam as reformas e limpezas necessárias para que a política na sua forma tradicional seja um lugar atrativo. Tem sido difícil aos partidos de atrair os chamados independentes, como aconteceu no passado, e parece-me, olhando para o parlamento hoje, que falta arcaboço intelectual e cultural aos que hoje tomam as decisões mais importantes das nossas vidas. Da esquerda à direita, sobram poucos como Mário Soares, Manuel Alegre, Francisco Louçã, Sá Carneiro ou Lucas Pires, que, independentemente das crenças, eram figuras nas quais reconhecíamos grande valor profissional, intelectual e cultural. Ainda há alguns, como Passos Coelho, Sérgio Sousa Pinto ou Rui Tavares. Mas o parlamento está um deserto, ninguém sabe de onde nasceram a maior parte dos deputados, e nesse deserto desaparece a cultura de debate. É uma pena que os melhores estejam a fugir da política.

Em 2021, entraste na política ativa sendo um enérgico Mandatário da Juventude de Carlos Moedas na corrida à Câmara de Lisboa. Como é que foi a experiência? O gosto pela política ficou? Fazes intenções de fazer política novamente?

A experiência foi tão boa que acabei por entrar no executivo como assessor para as jornadas mundial da juventude e na área da juventude. Lá está, olhei para Carlos Moedas como um corajoso que decidiu abdicar do conforto profissional para se meter numa luta que tinha tudo para ser ingloria e que, felizmente, não foi nem será, creio eu. E, sem pensar nas consequências, fui cheio de entusiasmo, movido por um grande líder, até perceber que o lugar puro de gabinete não era para mim. Mas continuo a gostar imenso de política – do lado mais nobre da causa pública e até do jogo político, daqueles meandros obscuros – e estou com vontade de fazer mais qualquer coisinha. Só não sei quando nem onde. Há-de acontecer, como voltar a treinar uma equipa, para alcançar o sucesso são precisos líderes.

Como é que avalias o mandato de Carlos Moedas à frente da Câmara Municipal de Lisboa?

Vou tentar ser imparcial. Acho que o balanço é bastante positivo. O Carlos Moedas tem duas qualidades que, além da credibilidade e seriedade, são muitíssimo relevantes para a política: a capacidade de negociação sem ceder nos princípios que, para ele, são fundamentais e a proximidade junto das pessoas. O mito de que tem pouco espírito político já se desfez, não só pelos discursos muito animadores e reveladores de uma personalidade marcadamente forte, mas porque

quem passa por ele fica a gostar dele. É muito simpático e atento, lembra-se do nome das pessoas, não está ali só a fazer campanha. O resto depois é o trabalho na realidade, a concretização de promessas eleitorais e a capacidade de fazer, fazer, fazer. Com alguns erros, é claro, principalmente em lapsos de comunicação (portanto, com menos gravidade), mas se formos intelectualmente honestos conseguimos perceber que comparar o trabalho de Moedas com os 14 anos dos socialistas apoiados pela esquerda radical é como comparar uma maquete ou um edifício já feito ou a ser construído. Um não passa de rabiscos, outro já viu as suas pedras serem lançadas. Neste caso, o investimento contundente na habitação, embora a esquerda o negue; a renovação de alguns serviços; as medidas para os transportes; o plano de drenagem e a atração de investimento estrangeiro. Estas, e não só, têm sido algumas das suas marcas.

A tua atividade enquanto Global Shaper é também a tua forma de estar sempre ligado aos temas políticos e cívicos? Que temas te motivam mais nessa tua experiência?

É, claro. Com várias vantagens: obriga-me a estar com as mãos na massa em assuntos cívicos, sejam eles políticos ou sociais, integrado em equipas de uma diversidade muito enriquecedora – ninguém ali pensa da mesma maneira, há conservadores, progressistas, pessoas da esquerda à direita, médicos, advogados e desportistas. É também uma forma muito privilegiada de estar constantemente em contacto com gente supertalenta de todas as áreas. Aprende-se imenso em diálogo com os outros, o que nos ajuda também a desenvolver o espírito livre e democrático, disponível para o debate de ideias, sem fanatismos ou ideologias fechadas. É urgente a criação de escolas que promovam esse tipo de pensamento, o único em que acredito e o único que é benéfico para a sociedade, que é o pensamento livre. As universidades são isso mesmo. Os partidos também deveriam sê-lo. Não podem ser escolas de doutrinação.

Os temas das novas gerações - salários, habitação, retenção de cérebros - têm estado no centro da discussão política. Para ti qual é o maior problema atual da juventude portuguesa?

É preciso diferenciar: uma coisa são os problemas que a nossa geração enfrenta, outra são os problemas da nossa geração – até porque estamos longe de ser perfeitos e temos muito para aprender com quem anda nisto há mais tempo. Em relação à primeira questão, penso que é claro que escasseiam oportunidades decentes no mercado de trabalho. Como dizia o Sérgio Sousa Pinto recentemente, e parafraseio: é melhor ser

um engenheiro na Alemanha do que um licenciado em engenharia a trabalhar num supermercado português. E o que me assusta é que não há grandes perspectivas de mudança, o que significa que não há esperança nem líderes que nos possam impelir e convocar a caminhar com eles. Depois, aliados a este grave buraco de um país que quando promete não cumpre e quando cumpre é sempre aquém do resto da Europa, é a habitação, que está a tornar-se incomportável, principalmente porque não há poder de compra. Outra coisa que me preocupa é a polarização, e parte da minha geração está a contribuir para o seu crescimento. Estamos a perder qualidade no debate porque toldámos os olhos ao outro, que pensa de maneira diferente de nós, e abraçamos a ideologia fundamentalista, que impede um confronto produtivo. v



Da tua expressão pública, verifica-se também uma forte ligação à fé, é um elemento central da vida?

É um elemento indissociável da minha vida. A questão de fé é essa mesmo: anda comigo como a respiração. Não é uma coisa etérea ou sentimentalona. Não a deixo dentro de casa nem a guardo apenas para a missa aos domingos. Caminha comigo, discerne comigo e pensa comigo. Assumo que, por várias razões, atualmente me encontro a recuperar de problemas relacionados com a saúde mental que me deixaram preso ao chão, e o caminho pedregoso da fé ficou com mais pedras ainda, mas mesmo assim não deixa de me interpelar constantemente. É um espelho ao mesmo tempo que alarga o meu olhar, o meu horizonte. É um confronto diário com as minhas fragilidades e com as minhas qualidades, tornando a vida profundamente humana e, por isso, paradoxalmente bela e miserável, comparada com a grandeza de Deus e do que me foi dado. O privilégio de ter qualquer coisa com que nos possamos confrontar é essencial, pelo menos para mim, que sozinho não consigo andar como me foi pedido quando dei os primeiros passos. A relação com Cristo, apesar da nossa fraqueza e do difícil compromisso, fixa uma tarimba, uma certa exigência, que ajuda a que a vida não descambe em desistências frívolas, próprias do Homem. A relação com Cristo permite perceber que somos feitos para a alegria de fazer coisas grandes. É essa a nossa vocação.

Como é que avalias a ligação das novas gerações ao fenómeno religioso e à Igreja?

Faço uma generalização, que é, como todas as generalizações, precipitada: a sociedade ocidental, no que aos mais novos diz respeito, afastou-se da Igreja Católica. Há vários motivos para isso. Mas curiosamente não perdeu o espírito religioso. O tal desejo de fazer coisas à medida do seu coração, de responder às perguntas maiores e de não desistir de querer mais, mais e mais. Uma sociedade que se preocupa, hoje, demasiado com o lucro – porque nada lhes basta – é uma sociedade profundamente religiosa, que decidiu encaminhar essa sede para as coisas que não respondem ao essencial. É por isso que a Igreja, não sendo obrigada a ceder na sua doutrina, deve encontrar formas criativas e contemporâneas, próprias de um mundo moderno, para responder às perguntas e ao vazio que nós, jovens, temos e queremos responder e preencher. O desejo vive cá dentro, e não há nada que nos dê mais gozo do que termos desafios imponentes. A Jornada Mundial da Juventude foi a prova viva de uma geração que, quando confrontada com a mais exigente montanha, dá aos mãos e salta com o entusiasmo de um alpinista para as escalar.

Quem acompanha as tuas redes sociais, vê que a música está sempre presente na tua vida. De onde vem essa ligação? É mais um hobby ou pensas que ainda podes ser um grande letrista de música portuguesa?

A ligação vem do berço. Em minha casa sempre se viveu de portas escancaradas. A minha mãe fazia grandes noites musicais com amigos, uns amadores, outros profissionais, como o Rui Veloso, por exemplo. E eu andava por ali de pijama, encostado a um canto, a beber do bom gosto daquela gente, a ouvir Brel, Beatles, Chico Buarque, Dire Straits, Jorge Palma e Zeca Afonso. Não tive como evitar que aquilo me entrasse pelo ADN adentro. Depois, quando comecei a ter oportunidade de ser eu a abrir as portas lá de casa, foi-me dada total liberdade para o fazer. Desta vez com os meus amigos músicos, que felizmente são muitos, bons e talentosos. Às vezes somos 10, outras vezes 50. Tudo lá em casa, ao molho, ou em casas de fado, por exemplo. O fado foi outra coisa que entrou na minha vida como só acontece com um grande romance. Como sempre gostei ler e escrever, a certa altura dei por mim a escrever poesia, até que houve um dia que a Mimi Froes (cantora e compositora) decidiu musicar um poema meu e percebi que era possível começar a escrever letras. Isto depois de ter feito um curso de escrita de canções com o Gimba. Tenho esta sorte inexplicável de me ir encontrando com gente muito talentosa que vai achando graça ao que escrevo e me vai pedindo umas letras, para fado e não só. Hoje em dia é um hobby (remunerado, claro), e não sei se algum dia será a minha principal atividade, mas estou sempre a pensar em palavras, em rimas, em jogos de sons e a ler poesia ou letras de canções. Dá-me imenso prazer, ainda que o trabalho criativo seja sófrego e cansativo. Por isso é inevitável estar a calçar um sapato e ter de interromper porque me lembrei de um verso. E acontece o mesmo a meio de jantares, aulas, seja o que for. É um impulso estranho e um músculo que se treina, como no futebol. Mas não tenho ambições nenhuma. Nunca pensei ser capaz de escrever uma letra, quanto mais ter cantores que sempre admirei a cantar coisas que escrevi. Faço porque adoro fazer. E espero nunca perder esse espírito prazeroso, como uma criança a construir um castelo de cartas.

Há uma cadeira de sonho para ti?

Se há uns anos era ser treinador do Barcelona, agora é continuar a ter esta sorte de poder viver uma vida ocupada com aulas, literatura, política, crónicas, podcasts, música e desporto, sem rotina fixa ou ambições profissionais do ponto de vista da carreira. E daí conseguir fazer pontes entre todas essas áreas e poder viver disso. Tudo pode mudar, mas creio que o meu contributo aos dias de hoje é esse: encontrar, como num diagrama de Venn, coisas em comum com tantas áreas de que gosto. Há tantos mundos que se podem unir. E a diversidade é uma riqueza à qual nos temos de agarrar com unhas e dentes.



FRANCISCO GUIMARÃES
TREINADOR E COMENTADOR DE FUTEBOL

LARANJA MECÂNICA

Todas as edições uma história
icónica do PPD/PSD.

“

NO PONTAL A PALAVRA VALE”

por Cristóvão Norte

O mapa político nacional guarda ainda, em larga medida, a impressão digital dos primeiros anos de democracia.

Um país dividido, cujo mosaico eleitoral exprime profundas idiosincrasias históricas, económicas, sociais e até religiosas. A norte, dominado tendencialmente pelo PSD; enquanto a sul, beneficiando o PS dos favores do eleitorado - hegemonia paulatinamente conquistada após o depauperamento do PCP.

Neste contexto, o nascimento e implantação do PPD a sul revelou-se uma tarefa hercúlea. Um parto difícil. A rejeição que as forças radicais de esquerda sofriam a norte - recorde-se os episódios marcantes do Verão Quente de 1975 com o assalto a sedes do PCP e outros atos violentos - manifestava-se

simetricamente a sul, por meio de incêndios de sedes do PPD, comícios tumultuados, apedrejamentos, enfim, desenhando um clima de tal forma intimidatório que apenas a inabalável força da convicção da militância pela liberdade e pelo triunfo de uma democracia sem capatazes podia suportar.

Uma militância circunscrita, porém corajosa, até com destemor físico - uma virtude essencial para tempos conturbados. A título de exemplo, no Algarve, todas as ações que tiveram lugar até às eleições legislativas de 1976, nos concelhos de Vila Real de Santo António, Silves, Vila do Bispo e Aljezur foram alvo de tentativas de boicote e, por toda a região, são às dezenas os relatos e as notícias, nesses primeiros anos de democracia, de descatos provocados por partidários de

ameaçando o saudoso e carismático líder. Um tempo em que foi preciso ousar para proteger uma democracia que que não seria democracia se vivesse sequestrada por qualquer pulsão marxista-leninista.

Foi neste quadro, um terreno político extraordinariamente adverso, manietado pela esquerda, com escassa expressão eleitoral traduzida em apenas dois deputados eleitos a sul do Tejo nas eleições para a Assembleia Constituinte em 1975 - um em Faro (o meu pai, permitam-me o privilégio de recordá-lo) e outro em Setúbal, que se inscreveu o nascimento da Festa do Pontal, com o declarado propósito de se firmar como o encontro de verão do PPD e de promover o reforço de militância a sul, em particular no Algarve. A primeira edição, em 29 de Agosto de 1976, foi um êxito assinalável, uma romaria de milhares de sociais- democratas de todo o país, abrilhantada por notáveis artistas nacionais e os mais destacados protagonistas políticos regionais e nacionais. O Pontal foi sobrevivendo ao longo dos anos, embora muitos tenham certificado o seu óbito em mais do que uma ocasião e a sua palavra, a palavra proferida no Pontal, vale! Modernizou-se, mudou de lugar, adaptou-se aos tempos e aos anseios dos convivas, cedeu à ditadura das TVs, mas manteve essa aura mítica que o seu nome foi trazendo. Uma aura assente nos pontais de Sá Carneiro, Cavaco e Passos Coelho.

Não há no PSD, direi mesmo em qualquer outro partido, fora os congressos, momento em que se dedique tanta atenção e cobertura à palavra de um líder partidário em Portugal.

Preservemos essa tradição e saibamos valorizar um dos grandes patrimónios do PSD.

Cristóvão Norte
Advogado, Político e Comentador



**“A PALAVRA PROFERIDA
NO PONTAL, VALE!”**

JSD LOOK & FEED



O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!

Acompanhe as nossas redes



PS CHUMBA
ISENÇÃO DE SEGURANÇA SOCIAL E ACESSO AOS APOIOS SOCIAIS PARA TODOS OS TRABALHADORES ESTUDANTES

521
O post com mais interações de junho

TOP 5 Conteúdos do mês



PS CHUMBA
CRIAÇÃO DO ESTATUTO DO ESTUDANTE PRATICANTE DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS NO ENSINO SUPERIOR



JSD LANÇA
PETIÇÃO PELA 1ª CASA
PARA QUEM NÃO TEM PAIS RICOS

ASSINA PELO TEU DIREITO À HABITAÇÃO!

AGENDA

FICA A PAR DAS PRÓXIMAS INICIATIVAS



Volta Nacional do Secundário e Superior em Évora e no Alto Minho

Com o início do ano letivo 2023/24, voltou a iniciativa nacional da JSD de contacto com os estudantes. Em setembro, a volta nacional esteve no distrito de Lisboa Área Oeste, e este mês passará pelas Escolas e instituições de Ensino Superior dos distritos de Évora (9 de outubro) e Alto Minho (23 de outubro).



Iniciativa "Portugal com Futuro" com a Distrital de Setúbal

A 5ª sessão do "Portugal com Futuro" decorre este mês no Seixal, com a Distrital de Setúbal, e terá como tema a Mobilidade. Este roteiro consiste numa volta nacional de sessões temáticas desenvolvidas com o intuito de criar um espaço de militância temática aberto a todos os militantes.



2ª Cimeira Ibérica da Juventude entre a JSD e as NNGG

Depois da 1ª edição em Lisboa em outubro de 2022, realiza-se este mês a 2ª Cimeira Ibérica da Juventude organizada pela JSD e pelas Nuevas Generaciones del Partido Popular (NNGG). O evento que terá lugar em Madrid dá continuidade ao reforço das relações ibéricas entre as duas organizações de juventude.



Início da discussão do Orçamento do Estado para 2024

O Orçamento do Estado para 2024 começa a ser debatido no Parlamento com o Primeiro-Ministro e o Governo no final deste mês. A JSD não deixará de marcar presença no debate, com forte fiscalização ao governo e apresentação de propostas orçamentais para o futuro da juventude portuguesa.





ENSAIAR O FUTURO

OLHAR PARA A FRENTE, PARA NÃO FICAR PARA TRÁS

Alexandre Homem Cristo

O sistema educativo está sob elevada pressão devido à escassez de professores. Entre 2019 e 2030, estima-se a aposentação de 47 mil professores dos quadros do Ministério da Educação e a necessidade de contratar 35 mil novos professores — um número muito superior ao que o nosso ensino superior está a formar. Trata-se de um bloqueio complexo: há que tornar a profissão atractiva aos mais jovens, há que ultrapassar os enviesamentos existentes na carreira docente, há que criar novos modelos de recrutamento e, ao mesmo tempo, há que encontrar soluções de emergência para o funcionamento das escolas, onde a falta de professores ameaça deixar milhares de alunos para trás. Consequência: milhares de crianças e jovens não têm professor a pelo menos uma disciplina.

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) está sob risco de colapso. A sentença foi feita pelo próprio ministro da Saúde, que reconhece a gravidade dos desafios presentes, nomeadamente a falta de médicos, que se agravará pelo menos até 2025. As estimativas apontam para que cerca de 5 mil médicos se aposentem até 2030, sendo que 25% dos médicos em exercício terá já 65 ou mais anos de idade. Apesar do recente aumento de novos médicos formados nas universidades, os desafios manter-se-ão, desde logo porque não há garantias de que os novos médicos se fixem no SNS ou sequer em Portugal. Consequência: a rotina presente escreve-se numa sequência de serviços hospitalares encerrados e de listas de espera a engrossar, com a população portuguesa a envelhecer e a ver o seu acesso à saúde deteriorar-se.

O exercício de diagnóstico poderia ser estendido a outras áreas sectoriais, como a habitação ou os transportes, mas

sempre para constatar o mesmo: grande parte dos desafios que o país enfrenta hoje era evitável e resulta da incapacidade em pensar o futuro, em antecipar riscos ou desafios previsíveis, e em construir atempadamente soluções eficazes, para atenuar ou prevenir tais impactos negativos. Pensar o futuro não pode ser um mero exercício de estímulo intelectual, deve ser um instrumento indispensável de política pública orientada por dados e evidências. Em Portugal não o tem sido: deixámo-nos surpreender, quando tínhamos todos os instrumentos para estarmos preparados.

Era, aliás, uma preparação muito fácil. No caso do envelhecimento das classes profissionais dos professores e dos médicos, está em causa o factor “idade”, o mais fácil de trabalhar em qualquer estudo prospectivo. E, no plano nacional, as tendências demográficas estavam igualmente consolidadas: uma população mais envelhecida representa maior pressão sobre os serviços de saúde, por exemplo. É por isso tão difícil de entender como é que, perante tamanha previsibilidade, o país se permitiu cair em disrupções no funcionamento dos serviços públicos de educação e saúde, que hoje afectam desnecessariamente várias faixas da população portuguesa. Não haverá exemplos mais cristalinos das consequências nefastas de mau planeamento em política pública.

O ponto que aqui faço vai muito além da prevenção dos problemas que hoje conhecemos. Sim, antecipar riscos e desafios é indispensável para os contornar. Mas há um outro lado nesta equação: aquilo que hoje reconhecemos como problema poderia ter sido acolhido como uma oportunidade reformista. No caso dos exemplos da saúde e da educação, teria permitido investir na formação de qualidade dos novos

“O SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE (SNS) ESTÁ SOB RISCO DE COLAPSO. A SENTENÇA FOI FEITA PELO PRÓPRIO MINISTRO DA SAÚDE”

profissionais quando se exige a formação de vários milhares num curto espaço de tempo. Teria permitido conceber novos modelos de carreira ou novos processos de selecção e recrutamento, associados à atractividade da profissão e à motivação dos profissionais. Ou seja, teria aberto uma janela de oportunidade para a modernização dos serviços públicos de educação e saúde.

Essa oportunidade passou. Agora, a questão é olhar em frente e assegurar a prospecção de desafios vindouros. Como fazê-lo?

O ponto de partida é realizar uma análise de tendências (demográficas, tecnológicas, sociais, contexto político e geopolítico), para enquadrar o desenvolvimento de várias áreas sociais, económicas e políticas da governação. Fenómenos como a baixa natalidade, as migrações ou o recurso crescente à inteligência artificial têm dimensões previsíveis e outras imprevisíveis, devendo ser consideradas (na medida do possível) no desenho das políticas públicas. E, com base nessa análise de tendências, há que construir diferentes cenários de longo prazo, para antever várias possibilidades de desenvolvimentos sociais e políticos, e as suas implicações para cada sector. Por exemplo, a baixa natalidade tem consequências distintas, consoante o foco ser a educação (menos alunos), a saúde (envelhecimento da população e menor necessidade de cuidados infantis) ou a segurança social (maior pressão para os seus equilíbrios financeiros). A criação

destes cenários sectoriais permitirá identificar áreas de maior risco e compreender que factores podem atenuar ou ampliar eventuais desafios.

As abordagens metodológicas poderão variar, mas haverá sempre condições incontornáveis para os decisores políticos trabalharem de forma prospectiva. Destaco duas. Em primeiro, a necessidade de integrar especialistas e académicos nestes exercícios prospectivos, colocando o seu conhecimento e a sua investigação ao serviço das políticas públicas. Em segundo, promover uma cultura institucional de monitorização contínua, sistematizando a recolha e a partilha de dados de desempenho dos serviços públicos.

A governação do país foca-se demasiado na resolução de questões imediatas, sem capacidade reformista e sem visão de longo prazo sobre novos desafios e prioridades de actuação. Essa inclinação para o improvisado de vistas curtas, cujas consequências o país vai enfrentando, tem de ser derrotada. E não será vencida senão como uma abordagem estruturada ao desenho de políticas públicas — sustentadas na prospecção sectorial, nas evidências e na monitorização dos dados existentes. Um presente próspero não se constrói somente aprendendo com os erros passados, mas também evitando problemas futuros. Temos de olhar para a frente, para não ficarmos para trás.

Alexandre Homem Cristo



RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



Marta Pinto
Vogal da CPN da JSD

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?

Mariana Mortágua, por ter a certeza que (eu) nunca iria cair no erro de sair de um desses almoços com um acordo desnecessário.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?

Pedro Santana Lopes.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou Fernando Medina?

Escolha difícil porque ambos são um mal maior em qualquer circunstância, mas tendo que optar, talvez Pedro Nuno Santos, sempre vai fazendo alguma oposição ao Costa.

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?

Felizmente são muitos aqueles que poderia referir, no entanto, destaco a pessoa que mais me tem surpreendido pela positiva enquanto autarca nos últimos tempos, Carlos Moedas.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?

Sem qualquer tipo de dúvida, ser presidente da Câmara Municipal de Odivelas.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?

Pela primeira vez, iria contribuir para o aumento da taxa de abstenção em Portugal.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?

Um ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve

coligado, visto que o ex-primeiro-ministro do PSD que estou a pensar diz-se indisponível.

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

Melhor, Pedro Passos Coelho, porque foi quando vi (e vivi) o meu partido mais unido. Pior, Rui Rio, porque foi quando assisti à maior desunião do meu partido.

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

Escolha difícil para melhor, mas digo Pedro Pinto, por ser dos melhores contadores de histórias da JSD, e por ter enfrentado o partido numa luta pelos direitos das mulheres quanto à despenalização do aborto em 1984. Todos os líderes tiveram os seus tempos e as suas circunstâncias, o que influencia bastante a percepção que podemos ter da liderança, sendo sempre difícil dizer qual o pior.

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Não aceitava, com a atual situação do país, o PSD será governo brevemente, tanto para salvar a TAP, como a vida de todos aqueles que têm financiado a companhia aérea.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

Para almoçar, Joana Barata Lopes, acredito que tema nunca nos faltaria. Para partilhar casa, Alexandre Poço, é mais fácil viver com amigos e, quando são poupadinhos, traduz-se em menos despesa ao final do mês. Para um retiro espiritual, Lina Lopes sem dúvida, tenho a certeza que nos faria bem alinhar os chakras e renovar energias no Tibete.

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

Alexandre Meireles, a pessoa que melhor aprecia o meu sarcasmo em dia de eleições.

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

Pedro Martins, um grande autarca de Odivelas.

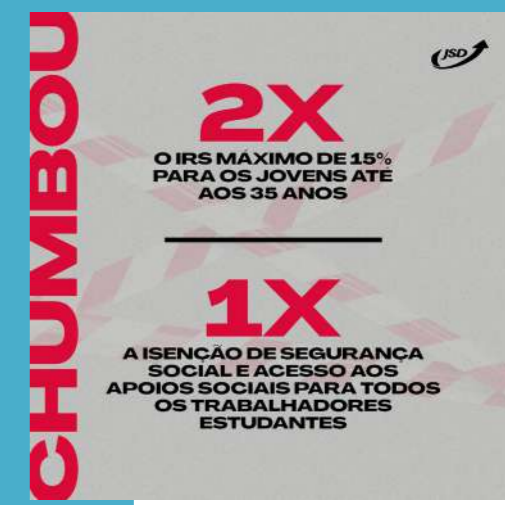
15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

Na JSD tive oportunidade de me sentar em diversas cadeiras de sonho, e todas elas me concretizaram de alguma forma. Penso que qualquer cadeira que represente serviço aos portugueses e ao partido, será sempre uma cadeira de sonho para mim.

FAZER A DIFERENÇA

IRS máximo de 15% para os jovens chumbado (novamente) pela maioria socialista

No recomeço dos trabalhos parlamentares, a JSD voltou a apresentar o Projeto de Lei para a aplicação de uma taxa máxima de IRS para os jovens de até 15% (excluindo o último escalão de IRS). Com esta iniciativa, que já fora apresentada no Orçamento do Estado de 2023, e chumbada pelo PS, a JSD pretende aumentar o rendimento disponível dos jovens através da criação um regime fiscal próprio, fazendo com que as novas gerações paguem apenas um terço do imposto que atualmente pagam.

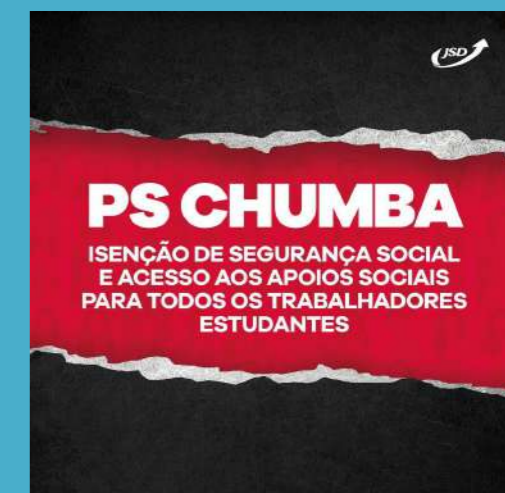


PS vota contra todas as propostas da JSD para a Habitação Jovem

Num momento de grave crise na habitação para toda uma geração e em que os jovens portugueses são dos europeus que mais tarde saem da casa dos pais, o PS chumbou todas as propostas e soluções da JSD para o alojamento estudantil, o arrendamento jovem e a compra da 1.ª casa. Nesta última, destaca-se o chumbo da proposta de isenção fiscal (IMT e Imposto do Selo) na compra da 1.ª casa e o chumbo proposta de criação de uma garantia pública para a entrada do crédito à habitação, que daria aos jovens a possibilidade de ter financiamento até 100%. Mais uma oportunidade perdida devido à maioria de bloqueio socialista.

PS demite-se da sua função legisladora e vota contra os trabalhadores-estudantes

A maioria socialista chumbou o Projeto de Lei da JSD para dar mais direitos a quem estuda e trabalha ao mesmo tempo, protegendo os seus apoios sociais e procurando aumentar os seus rendimentos disponíveis. Este bloqueio do PS significa que continua a discriminação entre os trabalhadores-estudantes dependentes e independentes, quando é da mais elementar justiça que o vínculo laboral não prejudique estes jovens no acesso a apoios sociais, nomeadamente bolsas de estudo e pensões de sobrevivência. Ao invés de aprovar as mudanças na lei, o PS apresentou e aprovou uma Resolução a defender conteúdo idêntico, demitindo-se do seu papel de legislador para fazer uma simples recomendação ao Governo que resolva no futuro uma injustiça que requer uma resposta imediata.



LOJAJ



A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos ítems que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #1



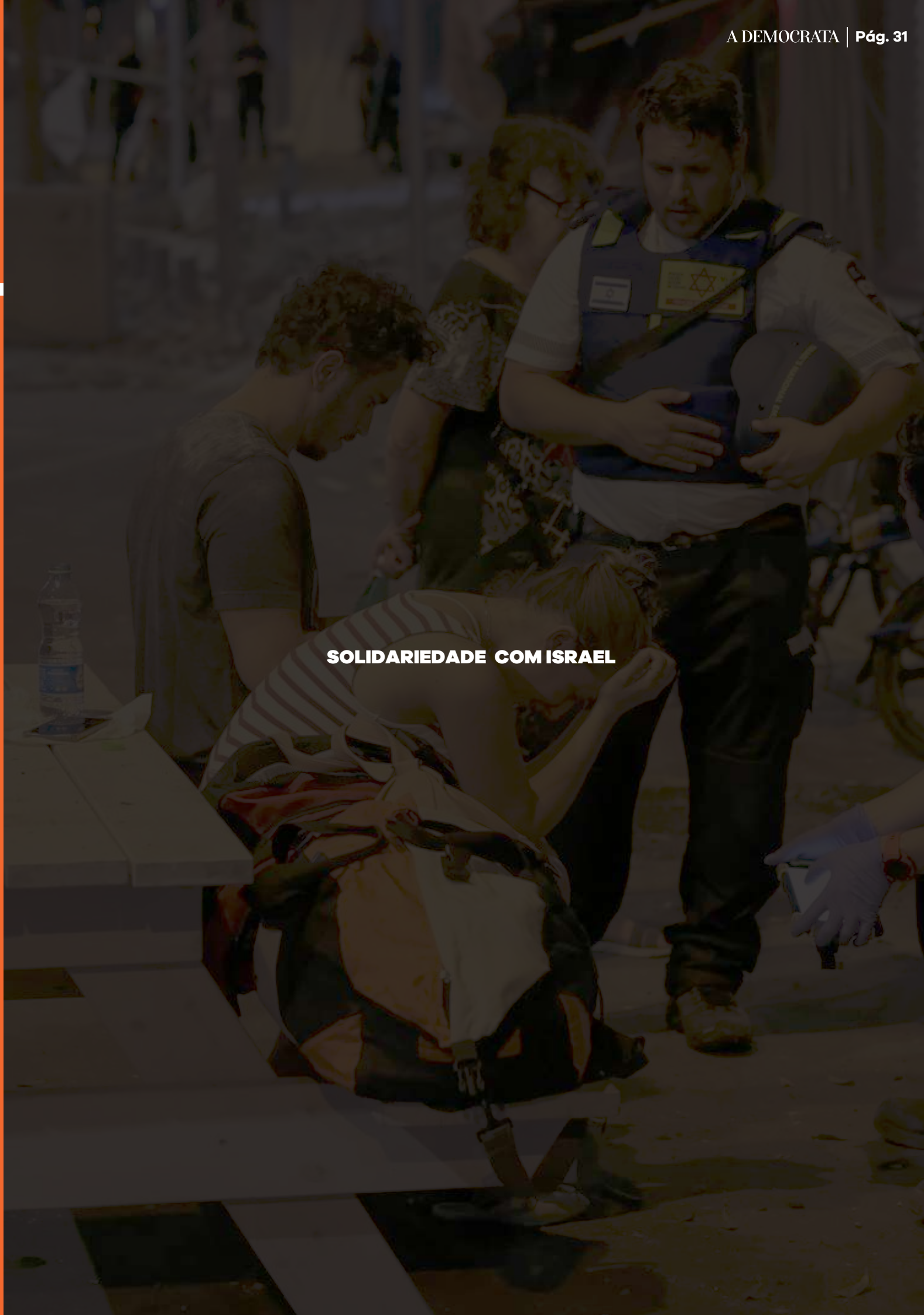
Meias



A Democrata

Também já podes encomendar A Democrata em papel

 Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt



SOLIDARIEDADE COM ISRAEL

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.
TEMOS PENA.